



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

15 DE SETEMBRO DE 1956  
Ano XIII — N.º 327 — Preço 1\$00

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

## Presença da Igreja

Convidado pelas Obras de Apostolado do Porto para estes sufrágios a minha primeira palavra é de apreço pela sua decisão. Morreu o Padre Américo.

Morreu como viveu: apressadamente, inesperadamente, a tratar dos outros, pelo coração.

Morreu; e vive ainda. A sua alma vive em Deus, como piamente confiamos, e a sua actividade continua-se na sua obra.

A sua morte cercou-se dum ambiente emotivo e o seu enterro somou-lhe um carácter triunfal, que nos habituamos a considerar outras eras, que quase não achávamos possível nos tempos pequenos que vivemos.

Tudo isto, em verdade e em certa medida, nos remiu da pequenês dos tempos.

O rei David, em espírito de profecia, salmodiava outrora: Contra mim murmuravam todos os meus inimigos; projectavam-me os maiores males: quando é que ele morrerá e perecerá o seu nome? Porém o mesmo Salmista professava, confiada e triunfalmente: Bem-aventurado aquele que cuida do Pobre e do desamparado, no dia mau o Senhor livrá-lo-á!

O nosso grande e saudoso Morto gostava de repetir esta proclamação de confiança. E em verdade nas horas mais crucifigadas da sua vida — que as teve, como todo o «filho do homem» — sempre a Santa Igreja esteve com ele e ele com a Igreja e por isso sempre Deus o livrou de todo o mal.

Nesta solenidade de sufrágio e evocação — embora rezando e continuando a rezar por sua alma, segundo a tradição católica, que se funda na praxe dos maiores santos — confiamos que naquele momento extremo, que o mundo chama hora má, Deus o terá libertado do Inimigo espiritual e o terá acolhido em Seu seio, segundo as promessas feitas aos que se ocupam dos pobres e deserdados; e, por nossa parte, contra os inimigos do bem e da virtude, que querem a morte dos justos, para que pereça o seu nome e a sua memória, proclamaremos fidelidade à lição da sua vida, de todos os que se denominam seus, na fé e prática efectiva e abnegada do Evangelho e finalmente na lealdade filial e integral à Santa Madre Igreja, de forma a podermos dizer bem alto e bem a dentro pelo tempo que ele não morreu entre nós nem o seu nome perecerá na nossa terra.

Para isso será preciso deduzir bem e ter sempre presente a lição da sua vida; e essa lição, atra-

vés de longa e varia escrita, resume-se toda naquela evolução fonética e semântica, que não sei se já foi historiada ou se algum dia o será, evolução que, na boca dos seus gaiatos e dos seus sacerdotes, de Padre Américo fez Pai Américo. A verdade das coisas, provavelmente saída ex ore infantium!...

Na verdade, como já várias vezes dissemos, para poder praticar a caridade, melhor, para ser obrigação estrita de praticar a caridade, não é preciso ser padre; mas a verdadeira Caridade nunca poderá deixar de estar em união com o sacerdócio, íntima e profundamente impregnada de espírito sacerdotal. Aceitam-se todas as ajudas e todas as boas vontades, mas esta é a exigência do espírito, e é o espírito que vivifica. É esta a ordem a hierarquia essencial. Deus é Caridade, a Igreja é o fenómeno temporal da Caridade, o Sacerdócio é a fonte da vida da Igreja. A maternidade da Igreja só se realiza através da paternidade sacerdotal.

Ninguém compreenderá o celibato sacerdotal — segundo a ordem de Melquisedec: sem pai, sem mãe, sem filhos, sem família — se não compreender isto. Os nossos trenos românticos sobre

Continua na 3.ª página



Pai Américo no seu escritório. Aqui escreveu, sonhou, realizou.

## FACETAS DE UMA VIDA

### Os designios de Deus e os vaticínios dos homens

No dia do enterro do Padre Américo e no fim da missa de corpo presente que viera celebrar na capela da Casa do Gaiato, o senhor Bispo de Limira pronunciou uma alocução impressionante, evocando os tempos em que em África se tinham conhecido.

Entre outras coisas revelou-nos que por duas vezes a Igreja corra o risco de perder a vocação do Padre Américo. Foi a primeira quando lhe foi recusado o hábito franciscano pelo que tinha tanta predilecção e a segunda quando o então Bispo do Porto se recusara a aceitá-lo no seu Seminário diocesano.

Pois bem. Já antes o africanista Américo Monteiro de Aguiar tinha tropeçado, no caminho atribulado da sua vocação, contra o estorvo posto desta vez por um obscuro sacerdote no degrau ínfimo da hierarquia da Igreja. Vale a pena contar.

Era eu ao tempo pároco da cidade de Penafiel.

Certa tarde, cuja data não posso precisar, alguéme bateu à porta do meu presbitério de Penafiel. Vieram anunciar-me:

— Está ali o Snr. Américo Monteiro de Aguiar que deseja falar-lhe.

Acudi à escada em alvoroço e de braços abertos para acolher a visita tão agradável e inesperada do meu antigo companheiro de escola e infância com quem só de longe a longe lograva avistar-me.

Subimos, entramos na sala e logo me impressionou a fisionomia reservada e sombria do meu amigo. Esta impressão, que me deixava intrigado, mais se agravou quando o ouvi perguntar-me:

— Olha cá. Estamos aqui bem sós? Podemos falar à vontade?

— Decerto que podemos.

Mas para melhor o tranquilizar fechei a única porta que dava para o interior.

Sem mais cumprimentos nem

expansões soltou-me esta enormeza que me atordoou:

— Sabes quem estovo resolvendo sair num estovo de franciscanos?! Mas eu antes sempre queria ouvir o que me dizes.

Fiquei atordoado. Percorreu-me a espinha um calafrio súbito. Na minha perturbação impuz-me uns instantes de silêncio para, à pressa, arrumar ideias e recobrar a serenidade.

Como podia aquilo ser? Eu conhecia o Américo. Sabia-o folgazão e mundano, amigo da pândega e dado à boémia. Constava até que as crenças que levava de um lar cristianíssimo lhas tinham cortado o ingrato clima africano e a febre de enriquecer e gozar. Que reviravolta era aquela? Que tinha então acontecido ao meu pobre e torturado amigo? O Américo frade! Uma vocação religiosa não surge assim da noite para o dia. Aquilo só

Continua na 2.ª página

## Filhos criados...

Ontem voltei do Porto muito satisfeito. As voltas correram fáceis. Há dias assim. Porém, a causa maior do meu contentamento foi uma porta a que bati pela colocação de um dos nossos rapazes e que afinal se me abriu em boas promessas para mais dois.

Este problema do encaminhamento na vida dos nossos mais velhos é coisa séria. O povo bem diz: «Filhos criados...» Nós temos-os de 20 anos e mais, a trabalhar há um rore deles na cidade com ordenados que não ultrapassam os seiscentos. É uma vida de horizontes cortados, naquele tempo em que o rapaz devia ir preparando a realização das aspirações legítimas da sua idade. Por isso surgem os «vencidos», frutos tocados na auro-ra da maturidade.

Quando em 52 Pai Américo visitou África, mais do que nenhum outro, foi este o fim que o decidiu ao sacrifício da viagem: abrir caminho aos rapazes que cada vez em maior número vão reclamando o seu lugar na sociedade. Ora ouçamos: «Nós vamos em cata de outras riquezas. O que eu pretendo sobretudo e acima de tudo é ver de como posso conseguir embarcar mais rapazes. Muitos empazados. Todos os rapazes. Aqui não há pão que chegue nem terra para o cultivar. Vamos para lá. O que os pioneiros conquistaram com as armas, vamos nós agora reconquistar pela enxada. Só desta sorte seremos donos daquilo a que chamamos nosso».

Eu não me atrevo, nem é preciso dizer nada de novo. Saibam os Senhores que os fins de Pai Américo, pela ordem de valor que ele lhes dava, constituem a nossa hierarquia de acção. Nós também somos consumidos pelos trabalhos dobrados dos filhos criados. Dai a alegria que nasce quando entrevemos caminhos esperançosos.

«E por remate destas boas notícias, a Obra da Rua, por meu intermédio e sucessores, está autorizada a propor e enviar para ali rapazes!» Isto que Pai Américo escreveu de uma grande empresa de Moçambique, esperamo-lo nós dos milhares e milhares que nos lêem aquém e além-mar.

Senhor Sub-Secretário do Ultramar tem assuntos gaiatos entre mãos. Amigos de todo o Império da mesma sorte.

Nós esperamos no correio de cada dia a carta de chamada.

## FACETAS DE UMA VIDA

### 'Os desígnios de Deus e os vaticínios dos homens

podia ser algum desses choques emocionais que levam uns ao fundo do mar e levam outros às celas dos conventos. Era, pois, preciso chamá-lo à razão, deitar água fria naquela cabeça a arder.

—Américo, disse-lhe, tu não tens ideia nenhuma do passo que vais dar. Tu sabes lá o que é ser padre e, além de padre, frade! Isto é uma cousa muito séria. Entra em ti. Tu sucumbes a uma crise cuja natureza não posso adivinhar, mas que é decerto transitória. E depois? Que vais fazer depois?

—Se reconhecer que me enganei, volto para a África.

—Como voltas para a África? Quem lá te tomaria a sério sabendo-se que passaste por esta aventura do claustro e do burel?

E disse-lhe mais e mais, tudo quanto me ocorreu, para o dissuadir, porque tinha para mim, sinceramente, que aquilo era uma loucura. E, julgando ter mirado bem o alvo, atirei-lhe à queima roupa:

—Homem, ele há mais mulheres no mundo!

Retorquiu-me pronto:

—Não. Não é isso. Sabes, Avelino, é uma «martelada». Olha é uma «martelada»! Não sei explicar-te melhor.

Houve entre nós um longo momento de silêncio. Não nos olhávamos sequer. Vivíamos ambos um terrível drama interior. Ele oscilava entre dois mundos, mais compenetrado agora talvez da largura e profundidade do abismo que os separava e do riseo do salto em que vinha lançado. Eu sucumbia ao peso duma responsabilidade que me colhia de surpresa, sem reflexão prévia sobre um problema tão grave, sem possuir sequer informação bastante em que me pudesse estribar para um conselho prudente.

Este silêncio de chumbo foi

— Continuação da 1.ª página —

ele quem bruscamente o quebrou. Levantou-se de repente e estendeu-me a mão:

—Tens razão. Era um disparate. Foi bom ter vindo aqui. Adeus.

Descemos a escada e da porta ainda vi sumir-se nas sombras da velha «Rua Direita» este Saulo atormentado que —ai! de mim— não tinha encontrado em Penafiel o seu Ananias.

X X X

Passaram-se uns dois meses. Eis que recebo de Espanha uma carta.

—Um carta de Espanha! De quem poderia ser?

Abri, picado de curiosidade. Era do Américo e dizia-me naquele seu estilo lacónico e sacudido:

«Apesar de tudo aqui estou. Sinto-me feliz. Não digas a ninguém. Todos me supõem em África. Reza por mim. Américo».

O meu perturbado amigo dera então o salto. Já estava do lado de cá.

Que pensar? Quando Deus quer fazer de pedras filhos de Abraão, desfaz e refaz, plasma o barro com as suas mãos divinas, leveda a massa ao sopro de um Espírito. É Ele e só Ele. Não metam aí os homens as suas mãos pecadoras. O intruso que eu tinha sido calou-se, esperou e depois esqueceu.

X X X

Rolaram anos. O Américo Monteiro de Aguiar, das casas abastadas do Bairro e Antelagar, o jovem divertido e folgazão que cantava ao desafio e tangia viola—a célebre viola, cuja história se há-de ainda contar—nas desfolhadas e nos arraiais da sua terra, o africanista com sorte, lançado no caminho duma copiosa fortuna era já simplesmente o «Padre Américo», recoveiro

dos pobres, visitador discreto das choupanas, dos hospitais e das prisões.

Encontrei-o no rápido a caminho de Lisboa. Conversamos muito. Ao ouvi-lo enlevava-me um sentimento de estupenda admiração, mas afligia-me a tortura dum remorso antigo. Quis desabafar:

—Oh! Américo, tu lembras-te daquela, vez que me procuraste em Penafiel?

—Se lembro. E olha que me convenceste. Segui direitinho para Lisboa, fiz as malas, comprei passagem e marquei lugar no navio. Mas à última hora, foi outra «martelada». Não resisti mais. Desfiz-me da passagem e as malas seguiram comigo para Tuy.

Pobres vaticínios humanos, ignorantes e estultos! São os insondáveis desígnios divinos que governam o mundo e dispõem dos homens, conduzindo-os às vezes a golpes de martelo.

Padre Avelino Soares

## Agora

Podem os olhos deste mundo prender-se aos números que aqui vamos deixar. Porém, a beleza maior desta coluna vem do fervor de cada um dos que a fazem.

As iniciativas sucedem-se. Ninguém quer que a luz esteja debaixo do alqueire, para iluminação dos mais. Não é dar a conhecer à mão esquerda as boas obras da mão direita. É pôr a luz no candelabro, ao sabor do Evangelho.

De todos os vínculos associativos se faz um pretexto para a cotização de uma casa. É a rua. É o officio. É o mesmo comércio. É a frequência do Café.

E assim, temos já a gerência e frequentadores do «Chave Douro», ali na Batalha, com 17.220\$ e a oferta de um terreno em Paços de Ferreira. Seguem os colaboradores (que lindo nome o Patrão dá aos seus Empregados!) da firma V. Matos Trigo, que renunciaram ao passeio que lhes era oferecido no 10.º aniversário da fundação da firma, em favor do Património. Trouxeram dez contos. Ó casa! «Os Ferrovários de V. N. de Gaia não podem ficar mudos perante a esplêndida ideia dos comerciantes da R. de S. Catarina». Por isso alumiam com 600\$00 esta precissão feita de luz.

Antigos alunos da Escola Mousinho da Silveira, vieram em romagem com 6.625\$00. «Esperamos, no próximo ano, poder conseguir igual ou semelhante importância». Nós esperamos também.

Os negociantes de cabedais, couros e peles vieram pela mão de um deles, grande amigo nosso, e deixaram 20 mil. Agora passa a Rua de Cedo-feita com 17 contos a passar e dois pequeninos objectos em ouro. Esta lista, toda feita de

# Aqui, Lisboa!

O regresso ao espírito do Evangelho primitivo, à verdade pura e simples do Evangelho é a tendência cristã mais acentuada do nosso século. É a brisa que anda levantando cinzas sob que se escondem brasas prontas a atear. Ora a característica mais dominante do cristianismo foi nos tempos iniciais deste a Caridade. Por ela se distinguiam os cristãos dos demais homens: «vede como eles se amam». O regresso, portanto, é à Caridade de Cristo.

Com esta está a operar-se a nova revolução nos indivíduos, nas famílias, nas sociedades; altera-se mesmo a própria ordem humana estabelecida. Assim foi e assim temos que é hoje em dia. Mas, regresso supõe que houve desvios. Lá fora apregoa-se até a crise da Caridade. Não que esta tenha perdido o seu vigor e capacidade, mas porque dela se fez um conceito errado.

Para os não cristãos a Caridade opõe-se ao progresso social, porquanto os actos de caridade anárquicos e ocasionais diferenciam mais as classes, diminuindo o homem diante do próprio homem. Quem dá julga-se superior ao que recebe. É um facto que a caridade cristalizada a repartir identicamente em cada caso, a agir em moldes velhos, sem a mais pequena comunhão de sentimentos, entrava o progresso. Mas aquela está longe de ser a genuína.

A Caridade não é o acto praticado mas o espírito que o vivifica. Daí o erro em se ter como Caridade aquilo que o não é.

O falso conceito de Caridade existe também entre os católicos.

Uns supõem que tudo vai bem, porque já distribuem... os sobejos materiais, mas a Caridade não é apenas um facto de ordem material.

Outros há que julgam não ser para eles a prática daquela virtude, mas tarefa exclusivamente reservada aos ricos. E no entanto, trata-se de um dever colectivo. O cristão é o homem que dá ao mundo a Caridade de Cristo. Quem se alheia não merece a dignidade que gratuitamente lhe foi ofertada por Deus — o ser cristão.

A crise da Caridade é apenas fruto do conceito errado. Porque uma vez esclarecido este, a própria crise actual contribuirá para o enobrecimento da Caridade. Verificar-se-á que esta não é entrave, mas fonte de progresso, a preparar a justiça social.

Onde aquela tiver chegado, a justiça aflora com toda a sua pujança.

A Caridade não perdeu ainda a potencialidade capaz de incendiar o mundo. Resta insuflar vida nova à caridade morta.

Ainda que não seja dentro é bem perto da cidade.

A «tia dos mortais», ontem no velho pardieiro, mais que envelhecido e esburacado, vive hoje em casa do Património dos Pobres. Morrera-lhe o marido. Vivendo só, quase cega, mal alimentada, esquecida de todos, foi definhando a ponto de cair na cama sem forças para se sustentar.

Descoberta pelos vicentinos repousa agora em leito novo, contente porque amimada. Mas porque desse muita preocupação e cuidados, surgiu a ideia cómoda do asilo. Que não! — foi a resposta. E em breve alguém em cama contígua passou a tomar conta dia e noite. É outra pobre a tratar de Pobres.

Quantos ali entram presentes. Após a missa dominical é passagem obrigatória que todos se impõem — «a tia dos mortais». De sorte que nada lhe tem faltado. Muito carinho e muito amor.

É o Calvário paroquial em funcionamento. E se mais casos semelhantes, neste momento, houvesse, asseguro que teriam solução igual.

A Caridade de ontem é a Justiça de hoje — e a Caridade de hoje é a Justiça de amanhã.

Se aquela opera destes prodígios em casos de tão pouca monta o que não fará se penetrar nos grandes!

Padre Baptista

## CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Até agora, da maneira como se apresenta o movimento de novas assinaturas não há motivo para queixumes. Muito ao contrário. Os novos assinantes continuam a chegar em ritmo crescente; uma quase enxurrada. Ainda há pouco, de Rio Maior, veio uma lista de cinquenta e dois com dinheirinho à frente! Demos largas de contentamento e fomos por ela ao escritório do jornal. É uma lista cheia! Gente de todas as categorias. Ora eu não conheço esta terra. Não sei se é grande, se pequena, se rica, se pobre. O certo é que lavra por lá um grande incêndio nas almas. Pois se os senhores permitem damos as honras da coluna a Rio Maior. Não para vaidades. Para incentivo de outros, noutras terras, isso sim.

Para que Pai Américo seja o Mestre, o Guia dos nossos passos e para matar saudades, não resistimos a transcrever o que em dos últimos números dissera, na sua prosa inconfundível, a propósito da Campanha dos Cinquenta Mil: «Ora a gente não pode afirmar se é o jornal que faz a Obra. Ela foi muitos anos sem ele e assim poderia ter continuado. Mas faz falta. Mais do que a própria Organização senti-lo-iam os leitores, se porventura «O Gaiato» viesse a desaparecer. Não seja pois por nossa causa. Não seja pela «Obra da Rua». Fique de fora o «Património». Esqueça-se o «Calvário». Mais do que tudo isto, que é muitíssimo, representam e são os leitores. Por amor de cada um deles, sim, trabalhem os leitores e façam com que todos os portugueses conheçam, que daí ao amar é pouca a distância».

Apetece nada mais acrescentar. Ficar por aqui. Pai Américo dizia tanto em tão pouco! Ele admirava-se, mesmo, como Deus o distinguia do comum dos mortais: «Sou eu que escrevo isso?!» São assim os Santos — os Escolhidos. E vamos prós cinquenta mil!

Júlio Mendes

carimbos comerciais, tem uma nota de modernidade que ainda inspiraria algum estampador de tecidos.

Mais o Pessoal do Grémio de Panificação com 292\$50. E continuam as telhas e pedras pequeninas, que são indispensáveis nesta construção. 50\$00 de uma anónima. 660\$ dos Funcionários e Vendedeiras do Mercado do Bom Sucesso, do Porto. E 50\$00, mais 10\$ e sobras de assinaturas do Famoso.

África já não é tão longe. E ainda assim a distância avoluma saudades e estas o amor. Alguém sugere o início da «Casa dos Fumadores», feita do sacrifício de alguns cigarros. E abre com 30\$. Esta Casa, de sua natureza, há-de

ser mesmo construída com pedras miúdas. Mais 400\$ de Lourenço Marques.

Uma licenciada aparece com 150\$ e «quatro irmãos» reforçam na Caridade os laços de família com a mensalidade de 200\$. De um campeonato de futebol 1.000\$, correspondente à 5.ª e 6.ª prestação. O Pessoal da preparação de pasta da Electrocerâmica 50\$. E volta-mos ao mercado. Agora é o Bolhão. Entre vendedeiras e comerciantes apurou-se 5.810\$.

Na Granja a 1.ª prestação da segunda «Casa P.e Cruz»: 6.000\$00. A firma Marques Pinto, desde o primeiro ao último, com uma Casa. 1.000\$00 da 3.ª prestação de M.M. - A.L. E finalmente as Locistas de Miragaia com 1.475\$00.

# PRESENÇA DA IGREJA

# Cantinho dos Rapazes

o monge, o homem só, o homem sem amor, nascem da incompreensão da Igreja e do Sacerdócio. Homem sem amor!... Pois se, precisamente, todo o problema é do amor...

O problema do sacerdócio é o problema da vocação e o problema da vocação é o problema do amor.

Quando na vida do homem, do futuro homem ou da futura mulher, surge o amor, então surge o problema dum destino na vida, dum projecto vital, daquilo que se ama ou se faz, o problema do amor como gravitação humana. Amor meus pondus meum — o meu amor é a minha gravidade espiritual, dizia S. Agostinho. Ao adolescente dum e doutro sexo devia ser apresentada pela família cristã a única alternativa admissível dentro do plano divino: ou o serviço imediato de Deus através do amor da família humana ou o serviço de Deus através do amor dum família singular que se há-de constituir.

O sacerdócio não se pode compreender senão à luz do Evangelho, que é a Verdade e o Amor de Deus encarnado entre os homens. O sacerdote tem-se como o «vigário do Amor de Deus» entre os homens, ou não se poderá compreender nem consequentemente se poderá amar. Pior de que isso, terá de se desentender e virá a odiar-se.

Em verdade, nesta altura da história, podemos compreender o amor a Cristo e também podemos compreender o ódio a Cristo; não podemos compreender a indiferença. O embelezamento literário ou estético, a admiração romântica pelo «doce Rabi da Galileia» ou é uma inconsciência ou uma mentira. Já, no princípio, o Apóstolo, que só sabia pregar Cristo, e Cristo Crucificado, reconhecia que tal pregação e o seu conteúdo era para os judeus uma loucura e para os judeus um escândalo. Hoje em dia, quando o mundo tem de se reconhecer trabalhando até ao âmago pelo cristianismo, as sociedades e os homens, que intimamente sentem Cristo a circular em todas as suas veias, ou têm de o reconhecer e amar ou de o renegar e odiar. As posições intermédias, aparentemente serenas, racionais e equilibradas, são apenas ilusão ou mentira. Bem sabemos que sem Deus quer dizer contra Deus; o resto é hipocrisia.

Nietzsche, que se proclamou assassino de Deus, inimigo pessoal de Cristo e o próprio Anti-Cristo, Nietzsche odiava ruidosamente o sacerdócio e tudo o que ele significava de valores pessoais contra a «vontade de domínio» e a «moral dos senhores». Este era consciente e era lógico...

Não o podem ser os que dizem querer a religião mas não querem nada com os padres. E cremos ser o momento apropriado, quando lembramos um grande sacerdote que fez amar pela caridade para fazer uma advertência solene aos católicos — tantos e tantos, infelizmente, e porventura sinceros — que, a partir de faltas possíveis ou imperfeições humanas, acham que podem ser muito religiosos e ao mesmo

Continuação da 1.ª página

tempo ter para o sacerdócio uma mera tolerância: como Jesus, Sumo e Eterno Sacerdote, o padre ou há-de ser amado ou odiado. Ou pai e pastor ou despota e explorador. Mas o mesmo de Cristo, o mesmo da Igreja, o mesmo até de qualquer religião. Pois não foi dito que toda a religião era alienação do homem, um deus explorando e empobrecendo a humanidade?...

Maternidade da Igreja — paternidade do Sacerdote... Em todos os sentidos; e até neste de que, assim como só a Igreja pode fazer o homem adulto e a sociedade adulta — o mal tem sido sempre quando se procura a emancipação antes do tempo... — assim também o sacerdócio é só capaz de formar autonomia da consciência, da verdadeira consciência religiosa. Mas não será essa precisamente a missão autêntica de toda a verdadeira paternidade e maternidade, que o filho cresça em capacidade, responsabilidade e autonomia até que a sua ligação à família seja apenas de amor e gratidão?

Padre Américo — Pai Américo.

O apóstolo dos tugúrios, o criador da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário, foi grande no amor do próximo porque foi grande no amor de Deus. É das Tábuas da Lei, que não podem ser invertidas nem convertidas.

O sacerdócio foi para ele a grande opção vital, a eleição decisiva. Tudo o mais, nem sequer pensado nesse momento, veio depois por acréscimo e como simples aplicação dum espírito haurido no Sacerdócio de Cristo.

Sacerdócio vivido em aspiração, em renúncia, em heroicidade. Sacerdócio de Credo, Mandamentos e Bem-aventuranças. Sacerdócio dos conselhos evangélicos. Mas ouçamos a sua palavra. A oratória fúnebre costuma invocar ou pôr a falar a eloquência da morte, dos seus crepes e dobras funerários.

Padre Américo, como as crianças e os verdadeiros crentes da ressurreição, não amava essas pobres manifestações ou consolações dos que ficam.

Ouçamos pois a sua palavra viva e autêntica, no momento mais alto de sua vida que foi o do início da sua oblação sacerdotal:

(Vide Facetas de uma Vida - «Gaiato» n.º 325 de 18 de Agosto de 1956).

Defunctus odhuc loquitur. Ouvimos a voz daquele que hoje vive em Deus.

Vinte e oito anos quase se passaram sobre estas palavras: esses anos foram estas palavras em acção.

Uma aspiração, um voto, um juramento — que é uma vida plena senão isto, traduzido na rotina quotidiana?!

Como a mãe toma nos braços o filho do seu amor e das suas esperanças e o levanta bem alto para o oferecer a Deus e ao futuro, assim também em certos momentos tomamos nas mãos da nossa consciência os sonhos e esperanças, os projectos e ambições, o tudo que somos e o mais que tudo que queremos ser, tomamos na mão esse infinito de

imagem e semelhança e oferecêmo-lo — que esse seja sempre o caso! — oferecêmo-lo à assunção no Infinito substancial.

São momentos que encerram vidas, são momentos de eternidade. Está aí o sinal que dá o sentido à vida; aí, a cruz de todas as coordenadas; aí o centro imóvel da revolução do mundo.

Alguns grandes génios falam dessa experiência como dum revelação, como dum contacto interior com a essência das coisas, ou com o destino vital. Em qualquer sentido que se considere, quando essa experiência é da ordem da que mencionamos, há o contacto interior, pela Graça assistente, com a Vontade de Deus, que é Amor, e, pelo Amor, com a Essência.

União com Deus, contacto com o Essencial, prisão ao Eterno: assim a vida passageira, em toda a sua contingência, se pode tornar vida eterna.

Fixemos esta imagem do Padre Américo, que, assim, fixamos a sua imagem de eternidade! Que essa imagem seja fecunda em seguidores e imitadores!

E que ele, junto de Deus, interceda pela sua Obra e pelas vocações de caridade espiritual e temporal, que a conservem, dilatam e multipliquem!

A. Bispo do Porto

(Alocação proferida pelo Senhor Bispo do Porto nas Exéquias solenes por alma do Pai Américo.)

Vocação é o mesmo que chamamento. Deus chama-nos a Si, cada um pelo seu nome e por um caminho. Ouvir a voz de Deus dizendo o nosso nome e conhecer por onde ela nos chega, — eis a via da nossa resposta — eis o segredo de uma vida.

Tudo o rapaz consciente de si mesmo ao atingir a idade do amor devia pôr-se a pergunta: Por onde me chamará Deus? Que Ele chama é certeza. Que Ele chama afim de se realizar a nossa perfeição, que é a garantia da nossa felicidade, outra certeza. Então onde a dúvida? Qual o caminho por que Deus nos chama.

Seja qual fôr, é caminho de perfeição e por isso deve ser olhado e preparado religiosamente.

Nem importa para já qual o caminho mais perfeito em si mesmo, por força da maior doação, do mais completo sacrifício!

Para cada um o mais perfeito é o «seu» caminho. Daí a necessidade e o dever de o procurar. Ficar à quem é o destino dos «jovens ricos» do Evangelho. Passar além é presunção cheia de perigos.

«Falai Senhor, que o vosso servo escuta» — eis a oração do rapaz que procura o seu caminho. E quando Deus falar, que a resposta esteja generosamente pronta: «Eis-me Senhor, pois me chamaste».

Para a maioria de vós o «ca-

minho» será o Matrimónio. Olhar com devoção o grande Sacramento desde a hora em que chegastes a essa certeza; prepará-lo desde esse momento com a seriedade de quem trata de um acto fundamental de uma vida — é o dever que principia então.

Tudo isto me é sugerido por uma carta que há dias recebi. É um rapaz na posse plena dos seus 21 anos. Ele vai falar-vos. E eu não direi mais nada, que era profanação.

«Muito tenho pensado em como devo fazer a minha preparação espiritual para o lindo e Santo Sacramento que espero receber bem depressa.

Agora achei... amando cada vez mais a Obra da Rua, e a Ela dedicando os meus sacrificios, orações e trabalhos.

Espero assim empregar a minha actividade espiritual ajudando uma Obra que Deus abençoou, e que hoje não é de modo algum particular, mas Nacional e de toda a Igreja... e eu pertenço-Lhe pela Graça de Deus.

O mesmo o prometo pela minha noiva, pois sei bem o que ela pensa a esse respeito.

Assim faremos o nosso «noviciado» como julgo Deus gostar.

E nas suas orações, de vez em quando, lembre-se de dois corações que se amam e que juntos procuram a perfeição...»

## TRIBUNA DE COIMBRA

Agora a nossa grande preocupação é a montagem das nossas oficinas.

Ao mesmo tempo que é uma grande preocupação, também é uma grande fonte de alegria. Quando a vida no-lo permite e podemos passar já por algumas das salas, ficamos suspensos de contentamento.

Na carpintaria são cinco bancos. O primeiro o do mestre e depois os quatro dos aprendizes. Tão concentrados e atenciosos que nos encantam. Já assentaram todo o vigamento e agora estão de volta com a esquadria. Tudo prata da casa. Ao lado está uma pequenina casa de máquinas. Tudo em pequenino ponto. Estão já montadas uma serra e uma tupa. As máquinas ficam em sala à parte por causa dos perigos. À volta dum máquina tudo é curiosidade. Hoje é só ver, mas amanhã já se quer tocar; e daí até ao desastre, pouco falta. Assim há um pouco mais de segurança.

A seguir fica a oficina de serralharia. Outro encanto! O mestre é o nosso Nelas. Já fez portas e caixilhos em ferro para a sua oficina. Está a

### DE UMA CARTA

«As Crianças abandonadas e os Pobres — esses dois Anjos da Guarda — há-de sempre acudir aos Padres da Rua quando os Senhores deste Mundo os vieram deslumbrar com as suas tentações. Não há que temer, portanto, pela Obra da Rua».

fazer as grades para o pátio de cima. Já tem também algumas máquinas e o resto há-de vir, Deus sabe donde.

No andar de cima ficam as oficinas leves: alfaiataria, sapataria, barbearia, e mais duas salas. Ainda nada funciona. O barbeiro não tem cadeira, nem espelho; o alfaiate não pode começar sem máquina e ferro; o sapateiro anda aflito por uma máquina.

Temos gaiatos artistas, mas falta-lhes a ferramenta. Contamos que neste mês tudo esteja pronto.

O motivo da nossa grande alegria não é o vermos mais um edifício quase pronto, quer seja de boa estética ou desajeitado.

Regosijamo-nos porque vemos em cada uma das modalidades de oficinas, outras tantas escolas de regeneração e aperfeiçoamento para o rapaz.

De dezasseis anos que esta casa tem de vida, ainda não tivemos mais nada do que a pobre lavoura (a que o nosso povo se habituou a fugir) e as obras. O rapaz só via estes dois campos. Hoje reina mais alegria nos seus olhos. Têm mais por onde escolher. Novos motivos o prendem. Tem mais caminhos para amar.

Uma vez que damos testemunho da nossa vida e para que este testemunho seja completo e verdadeiro, e para que todos participem das nossas alegrias e sofram as nossas aflições, temos a dizer que

ainda temos uma máquina encomendada que nos custa vinte e três contos e que ainda não pagamos totalmente aquelas que já temos montadas. Os pingos que caíam dia a dia no nosso Lar de Coimbra, ou na Livraria do Castelo, ou no Porfírio Delgado ou que o correio levava a nossa Casa, deixaram de cair. Começamos a fazer os peditórios nas Igrejas de Coimbra, mas a nossa vida só nos permitiu que fossemos a Santa Cruz, S. Bartolomeu e Sé Nova e recolhemos um pouquinho a mais que dez contos.

Valeu-nos muito, uma camioneta de mosaicos que o nosso grande amigo de Coimbra mandou despejar em nossa casa. Consolou-nos muito a encomenda gratuita que fizemos na Empresa Vidreira da Fontela.

Têm aparecido alguns visitantes e algumas excursões, mas parece-nos que tudo gente muito modesta.

Estamos com intenção, como nos anos anteriores, de ir bater à porta das igrejas e de algumas praias e termas. Quando por lá nos encontrarem, já sabem quem nós somos e o que pretendemos: pagar as máquinas das oficinas e apetrechar com o indispensável a sapataria, barbearia e alfaiataria e matar a fome várias vezes ao dia a setenta bocas e a cobrir outros tantos corpos.

Padre Horácio

# CALVÁRIO

O nosso «General» ainda não atingiu a boa forma. Continua de cama, mas a verdade é que as recaídas são mais o fruto das suas quedas na tentativa de provar o caldo e o conduto da comunidade do que a falta de reacção dos intestinos doentes.

Aqui em Paço de Sousa, outro candidato, o Alberto de Valadares, prepara-se na sapataria para botar as meias solas dos seus futuros companheiros.

Beire, como as outras Casas do Gaiato, não vai ser uma Casa estática: Obra de doentes, para doentes, pelos doentes — eles não-de produzir o trabalho compatível às suas condições e por ele irão recobrar a alegria de viver própria de quem encontrou uma finalidade para a sua vida. O Alberto, com suas pernitais raquíticas, irá tratar do calçado dos saos.

O «General» é alfaiate e já tem máquina prometida. Foi a Senhora do General que lhe deu o apelido, quem levantou o dedo mais uma vez.

As construções do Calvário continuam. O Hospital parou de subir há uns dias, mas os pedreiros não descansam no fazer da cantaria cimeira. Uma segunda casita do aldeamento começa a brotar da terra. É uma cozinha, um quarto, a sala para receber a Cruz e um alpendrezito com instalações higiénicas e arrumos. Pensa-se em um casal velhinho.

Apesar de Beire não estar ainda no circuito das peregrinações já vão surgindo alguns visitantes, que partem de algebeiras mais vazias e de coração mais cheio. E os leitores, de perto ou de longe, não esquecem o Calvário. Duas alianças com dois nomes escritos: António-Madalena. Em uma caixa preciosamente preparada chegam-nos «pedacinhos de linho, já pódo e macio» que uma alma delicada de mulher deseja que «vão refrescar as feridas de alguns doentes». E enquanto os doentes não se instalam ela vai pedindo a Deus por todos nós.

Mais 100\$ «em memória do Santo Padre Américo». E 500\$ de «Uma Amiga». De Lisboa 200\$00 e um corporal para o Altar da capela. Agora por corporal quero dizer que aquele pedido de sedas antigas para paramentos, há meses aqui feito por Pai Américo ainda está por satisfazer. Falta o paramento roxo e, quer do branco, quer do verde, que tão usados são, esperamos pelas tais sedas velhas condizentes com a austeridade românica da nossa Capela tão linda. E quem diz paramentos, diz outras alfaias de uso litúrgico, desde o Missal ao turíbulo.

100\$, sem mais nada. No Espelho da Moda muitos bilhetinhos com recados. Muitas sobras de assinaturas e de pagamentos à Tipografia. Outros 100\$ de um Engenheiro de Lisboa, que «financia» por igual a «empresa» do Património. 300\$ do Castelo da Maia. 100\$ de uma Maria. 200\$ da Travessa da Portuguesa.

Uma «pecadora» manda 100\$ e pede uma prece por um filho

que anda pelas terras do Dundo, labutando. 600\$ de Margão, na Índia Portuguesa. E o depoimento de uma médica recente:

«Em Novembro seguiu o di-nheiro da minha 1.ª consulta e a promessa de que do pouco que fosse angariado na minha profissão de médica, o dizimo seria para o «Calvário».

Hoje recebi o 1.º ordenado como interna, 415\$00 e seguem portanto 100\$00.

Que Deus os abençoe e ajude».

## Chales de Ordins

Os chales têm sido bastante procurados. Continuarão a sê-lo. Mais do que isso. Vai-se reconhecendo a beleza e a importância dos artesanatos rurais. Há que estimular as populações neste sentido, a bem da Nação. Pedem-no as nossas tradições. Reclamam-no a dignidade da mulher e a educação dos filhos. É a família. Robustecer a família é engrandecer a Nação. S. Martinho do Porto, breve, virá visitar-nos. Deseja ver o «ambiente desse artesanato para melhor julgar dos benefícios que dele podem advir, tanto em ordem material, como espiritual».

Um sacerdote amigo quer um chale para manta de viagem. Faial (Açores) um dos grandes. Ainda do mesmo Arquipelago, S. Miguel pede um de cada tamanho, com 300\$. Pontével cá vai com um pequeno, pago generosamente. De Nazaré, uma religiosa, mais uma vez, pede dos nossos chales. Agora é um grande e outro médio.

Lisboa um pequenino, «para ver se agrada pois que se agrada para o fim a que se destina devem vir mais». Vila da Rua dá graças a Deus por mais uma encomenda dos grandes que nos confia. Lisboa 70 para um dos pequenos. Porto, idem, com 75. Vila Nova de Tazem dois dos mesmos com 130\$. Coimbra 100 para um médio. O Monte Estoril ficou muito satisfeito com o chale que recebeu e vem por outro. Lisboa, com 100, um de 90, para festejar os 76 anos duma Mãe. Faro, com 80, um dos pequenos. Leiria 170 para um médio e um pequeno. Avelar um dos médios.

Faial, nos Açores, «em cumprimento duma promessa» um dos pequenos. A Conferência Feminina das Caldas da Rainha, em colaboração, um médio e um pequeno. De Lisboa, 140 para um grande. Valbom não fica atrás com outro dos grandes. Porto, «idem» com 130\$.

Alijó, mais uma vez, aparece com 160 para um grande e um pequeno. Rio Maior um grande. Porto com 70 um dos pequenos. Castanheira de Pera tudo na mesma. O mesmo se diga de Carção. É um Médico que vem pela segunda vez. De Barcelos, é um colega no Sacerdócio, aqui aparecido tantas vezes. Desta são 505\$ para dois

# Pelas Casas do Gaiato

## COIMBRA

— Ao findar do dia 24 de Agosto, começou no Santuário de Nossa Senhora da Piedade o retiro espiritual para os mais velhos desta Casa e para os do Lar de Coimbra.

O grupo era composto por trinta e dois rapazes.

A assistir esteve o Sr. Padre Horácio e foi pregador o nosso muito amigo Padre António Jorge.

Jantámos. Depois o Senhor Padre Horácio fez algumas observações sobre este retiro que em seguida foi aberto com o terço e ao qual se seguiu a prática preparatória. Recolhidos em silên-

cio, (porque é no silêncio que a alma melhor fala com Deus e Deus com a alma) fomos nos deitar meditando nas palavras acabadas de ouvir.

Dia 25, sábado, levantámo-nos às 7 e meia e de novo em silêncio fomos para a Capela, onde ouvimos a 1.ª prática desse dia e a Santa Missa. A 1.ª meditação foi sobre Deus.

Seguidamente tomámos o pequeno almoço. Às 9.5 rezamos o terço e em seguida ouvimos nova prática onde vimos o caminho a seguir, a Lei de Deus, a via que nos há-de conduzir à felicidade. Vimos também o pecado e as suas consequências: o remorso, a desgraça, a perda da Graça de Deus, e outras consequências más, que só nos trazem a infelicidade.

Houve depois um intervalo que cada um aproveitou para meditar, ler, rezar, etc.

Às 11,5 ouvimos o Senhor Padre Horácio. Disse-nos que três inimigos perigosíssimos nos estão sempre espreitando: o mundo, o demónio e a carne.

Falou-nos da castidade e do que pode a força de vontade. Seguiu-se o almoço e depois aproveitamos uns momentos de recreio para subirmos à serra onde rezámos o terço e fizemos uma meditação à maneira de exame de consciência.

Às 5,5 nova prática acerca da Confissão. Seguiram-se então as confissões e uma prática a respeito do amor ao trabalho.

De hora a hora, de momento a momento, à medida que nos aproximávamos da confissão parecia subirmos a passos largos para o Alto. Apagadas as nossas manchas, por meio do Sacramento da Confissão, uma grande obscuridade desapareceu da frente dos nossos olhos e começamos a ver novos horizontes verdes de esperança. Uma grande transformação se passou em nós e daí em diante tornou-se mais difícil o silêncio e quase não eramos capazes de meditar. Parecia andarmos no ar de tão leves que nos sentíamos. Ainda assim o retiro prosseguiu da melhor maneira. À noite depois do jantar rezámos o terço e fomos para a cama.

No dia seguinte, domingo, assistimos à Missa às 9 horas. Passou-se normalmente o nosso último dia de retiro, mas sobretudo a manhã foi muito bem aproveitada, foi uma verdadeira manhã de retiro. Cada qual fez os seus propósitos e planos para a sua vida futura para que na verdade caminhe-mos todos para uma vida melhor.

À tardinha procedeu-se ao encerramento do retiro com terço solene e bênção do SS. Sacramento.

No fim do jantar alguns discursaram revelando assim o que lhes ia na alma, efeitos do retiro. Entre eles, o chefe da Casa de Miranda, o Gabriel afirmou:

— Eu não sou o Chefe. Eu sou um instrumento. Jesus é que dirige e guia. Eu sou um instrumento nas suas mãos. Que grande verdade.

E eu daqui quero concluir que afinal todos somos iguais. Desde o mais elevado, em posição social, até ao mais humilde camponês, todos somos instrumentos nas mãos de Deus. Contudo, Deus toca em cada um da sua maneira, segundo a sua vontade.

Carlos Manuel Trindade

## PAÇO DE SOUSA

— Tem havido aqui muitas desordens. É a Volta a Portugal em bicicleta. Todos querem saber como foi. Quem ganhou?

— É pá, foi o Alves Barbosa que ganhou? E o Pedro Polainas? Ribeiro da Silva? Em que lugar chegou o Artur Coelho?

E isto todos os dias. Todas as horas! Enquanto não acabar a Volta, não há ordem na Casa do Gaiato. Também já tenho dado com o senhor Padre Carlos a procurar saber notícias! Admiram-se? Eu não. Isto é uma doença contagiosa!...

— As obras da nossa adega já vão bastante adiantadas. Estamos mortinhos que acabem as obras. Por cima desta leva uma sala de recreios. Vai ficar uma obra muito bonita.

Se querem saber onde fica, quando cá vierem, perguntem onde era a antiga pedreira e pronto!

— Tivemos a grande alegria de cumprimentar o Senhor Eduardo Maia, uns dos primeiros amigos da nossa Obra, que nos visitou. Gratos pelas palavras de incitamento e conforto moral. Em nome de todos os irmãos agradeço muito.

— Continuam a afluír à nossa aldeia, grande número de pessoas de todos os lados e categorias sociais. Existe aquela ansia ávida de conhecer o milagre da Obra da Rua. É uma verdadeira avalanche de gente que inunda as avenidas da nossa Aldeia.

— Pombas. Cada vez há mais ânimo, pelo desporto da Columbofilia. Os principais animadores são o Abel, Amarante e Afonso Bessa. Passam todos os recreios cuidando destas aves. Entram em muitos concursos e quase sempre alcançam os lugares cimeiros.

Oxalá que não desanimem para alcançarmos mais prémios.

Daniel Borges da Silva

## Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

Lúcia Ganilho, 20\$00. Lisboa 100\$ «em memória do saudoso Pai Américo». Mais de Lisboa, metade. Porto, assinante 17.819, 20\$00. José Ferreira Faria, metade. Ezequiel Pinto: pode mandar de dois em dois, ou de três em três meses a importância das suas cotas; assim, é mais prático e acusamos recepção de 30\$00 remanescentes da liquidação da factura da nossa Tipografia. Uma senhora de Carrizado de Montenegro mandou 50\$00 e entregou-nos 100\$00 pessoalmente. Francisco Fernandes, 70\$00. Leopoldino Pereira, que encontramos em frente à Ateneia no Porto, perguntou se somos da Casa do Gaiato e entregou 20\$00. Eduardo Ferreira, Torres Novas, 30\$00. Senhora A. F. os costumes dos 20\$ e pede «muitas graças e forças aos Padres da Rua, continuadores desta grande Obra, e muito especialmente ao Padre Carlos que tem agora que abraçar a Cruz do nosso querido e saudoso Pai Américo». Raul Nunes do Lobito, 20\$00. Assinante 9.584, metade. Amélia de Castro Tavares de Sousa, 100\$00. Obrigado pela carta e saudades ao Senhor Doutor. Manuel Fernandes Júnior, 20\$00. Maria Antonieta Frasco, o dobro. Angela Lobão, por seis meses, 60\$00. Venham mais subscritores! Porque não? «Por alma do Pai Américo», 40\$00 de Maria da Luz C. Maia. Atencção Lourenço Marques: assinante 32.024, 100\$00. Assinante 4.343, 10\$00. Uma assinante de Lisboa com o dobro. S. Domingos, Leste, o mesmo. Assinante 7.739, idem. «Esforçar-me-ei para vos enviar igual quantia todos os meses», eis a legenda simpática que envolvia a importância dum anónimo de S. Mamede de Infesta. Que mais acrescentar? Louvado seja Deus. Mais nada. Assinante 15436, 10\$00. Ilda Coelho diz que «se restar algum (do pagamento do jornal) seja para a Conferência». Foi-se a ver e sobramos 40\$00. Maria Marques Macedo, da Póvoa do Varzim, 60\$00. Alto lá! Escutemos uma Voz: «Para a Conferência de Paço de Sousa 20\$ em sufrágio da alma do sempre chorado Pai Américo. A peça de roupa é para a brasileira D. Brizida de uma patricinha que também não é rica. Que Deus aceite as migalhas desta viúva, dadas por amor d'Ele». Quem há praí que suste as lágrimas, quem? Eu não fui capaz. A propósito recorde-me como se fosse hoje: nos púlpitos e palcos das terras de África Pai Américo não pregava outra coisa que não fosse o «Óbulo da Viúva». Quantas conversões! Revolução nas almas! «Que Deus aceite as migalhas desta viúva, dadas por amor d'Ele»: quantas e quantas por lá recebemos e constantemente aqui! Porquê? O Evangelho é de ontem, de hoje, de sempre. Pai Américo vivia do Evangelho. Daí a sua vitória sobre o mundo e a conquista de muitas almas para Deus. Mais Lisboa, que parece ter-se euamorado desta coluna, 50\$00. Assinante 33.580, idem. E para fechar o dia, um pedaço de papel dum calendário envolvia uma nota de 20\$00 com a legenda: «Conferência Gaiatos Paço de Sousa». Não podíamos terminar melhor. A todos, muito obrigado e até de hoje a quinze se Deus quiser.

Júlio Mendes

Visado pela  
Comissão de Censura

## PEDITÓRIOS

Não tencionávamos nenhum este verão. Porém da Granja falamos e fui mai-lo «Rosáira», como no ano anterior.

Creio que foi nesta praia que Pai Américo fez o primeiro peditório para a Casa do Gaiato. Caso curioso: A sua carta combinando este peditório foi endereçada em 26 de Agosto de 1940, precisamente 16 anos antes deste domingo, 26 de Agosto de 56. Desde então até hoje nunca faltou um padre da rua na pequenina Capela à beira da estação. Dezasseis anos seguidos fizeram devotos. E agora foram eles que reclamaram a fidelidade à tradição. E eu fui. O resultado foi recorde: Cerca de onze contos, dois aneis e muito, muito carinho à nossa volta.

Para nada faltar ao costume, o almoço foi em casa da grande Amiga, nossa «agente» destas andanças desde aquele ano de 40. Houve tosta de maçã como sempre. Só me esqueci de pedir o doce de laranja. Mas lá irei por ele na primeira oportunidade.

E até ao ano, se Deus quiser.

## Livro «Barredo»

Ainda restam alguns exemplares desta obra

Pedidos à Editora-Tipografia da Casa do Gaiato - Paço de Sousa